



Camilo Pessanha e Wenceslau de Moraes, seu colega do Liccu, em Hong Kong, 1895. In Daniel Pires, *A imagem e o Verbo: Fotobiografia de Camilo Pessanha*. Macau: Instituto Cultural do Governo da R.A.E. de Macau/Instituto Português do Oriente, 2005.

Camilo Pessanha e Wenceslau de Moraes: Imagens da China e do Japão

PAULO FRANCHETTI *

RESUMO: Neste artigo, procede-se a uma comparação entre a atitude espiritual de Camilo Pessanha e a de Wenceslau de Moraes em face da experiência do exílio e da longa radicação no Oriente. Especial atenção merece, nesse contexto, a relação que eles mantêm (ou não mantêm) com o país de origem.

PALAVRAS-CHAVE: Camilo Pessanha; Wenceslau de Moraes; Exotismo

Na passagem do século XIX para o XX, dois escritores portugueses se notabilizaram por fazer da experiência do exílio um dos núcleos da sua obra ou da sua imagem pública: Wenceslau de Moraes e Camilo Pessanha.

Ambos se encontram em Macau em 1894, como professores do recém-criado Liceu de Macau. Posteriormente, Moraes transfere-se para o Japão, onde ocupa o lugar de cônsul do seu país, em Kobe. E, por fim, deixando o cargo de cônsul, muda-se para uma pequena cidade interiorana, Tokushima, de onde continua a enviar para Portugal seus relatos sobre a vida japonesa e suas reflexões sobre o país. Foi por meio de Wenceslau de Moraes que gerações de leitores portugueses tomaram contato com a arte, a literatura e os costumes do Japão.

*Professor catedrático da Universidade Estadual de Campinas (Brasil). Entre outros livros, publicou, no Brasil, os ensaios *Nostalgia, exílio e melancolia – leituras de Camilo Pessanha e Estudos de literatura brasileira e portuguesa*; em Portugal, publicou uma edição crítica da *Clepsydra*, de Camilo Pessanha (*Relógio d'Água*, 1995), a antologia *As aves que aqui gorjeiam - a poesia do Romantismo ao Simbolismo* (Cotovia, 2005) e o ensaio *O essencial sobre Camilo Pessanha* (*IN-CM*, 2008).

Professor at the University of Campinas (Brazil). Among other books, he authored in Brazil "Nostalgia, exilio and melancolia – leituras de Camilo Pessanha" and "Estudos de Literatura Brasileira e Portuguesa"; and in Portugal a critical edition of "Clepsydra", by Camilo Pessanha, "As aves que aqui gorjeiam" (an anthology of Brazilian poetry from Romanticism to Symbolism) and "O essencial sobre Camilo Pessanha".

Já Camilo Pessanha radicou-se em Macau, onde, além da docência, exerceu a advocacia e a magistratura. Suspeito de “achinesamento”, por ter se amasiado com uma mulher chinesa (de quem teve um filho), por fumar ópio e por dedicar-se demorada e apaixonadamente ao estudo da língua e da arte chinesa, construiu-se posteriormente sobre ele uma incoerente legenda, hoje desmontada.¹ Considerado um dos grandes poetas portugueses, Pessanha foi também um grande colecionador de arte e objetos chineses, tendo doado ao estado português o fruto de seus muitos anos de pesquisa e trabalho – acervo esse infelizmente muito maltratado em seu país de origem e até hoje pouco valorizado.²

Tanto para Moraes, quanto para Pessanha, o exílio foi sobretudo o lugar onde a sensibilidade artística ocidental se defrontou e buscou compreender o diferente. A reflexão sobre a diferença e, de modo especial, sobre a diferença no que se refere ao artístico e sua relação com a vida cotidiana, constitui até hoje o que de mais interessante há nos seus textos sobre os países em que escolheram viver e morrer.

Este artigo procede a um breve estudo comparativo do sentido do exílio, por meio do contato com o exótico, nesses dois importantes autores portugueses.

TRIBUTO A CAMILO PESSANHA – 150 ANOS



Rolo de pintura chinesa, mnm5158. Autor: Sun Kehong, China. Séc. XVI. Coleção de Arte Chinesa de Camilo Pessanha. Museu Nacional de Machado de Castro. Direção- Geral do Património Cultural / Arquivo de Documentação Fotográfica (DGPC/ ADF). Fotografia de José Pessoa.

1. O EXOTISMO SEGUNDO WENCESLAU DE MORAES

Num capítulo de *O-Yoné e Ko-Haru* (Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 2006), intitulado “O exotismo japonês”, Wenceslau de Moraes comenta o impulso para a viagem e para a radicação no diferente, que caracteriza a sua vida e a sua obra:

Uma das muitas interessantes manifestações da psicologia do homem da Europa é sem dúvida o amor, sentido por muitos indivíduos, pelos países estranhos e distantes, pelas civilizações exóticas. Quando falo de amorosos do exotismo, refiro-me unicamente a um grupo reduzido de homens, àqueles que pelo exotismo tudo dão, àqueles que pelo exotismo tudo perdem e a ele se escravizam, àqueles que se sentem atraídos pelo estranho e para o estranho se encaminham; fugindo, se podem, ao seu meio, indo identificar-se quanto possível com o meio novo, divorciados resolutamente das sociedades, tão diferentes, onde nasceram. (Moraes 2006, 133)

A sequência da leitura mostra que Moraes entende o exotismo como um sucedâneo do fervor religioso – isto é, da percepção radical da diferença e do deslocamento, e do anseio por um ideal de perfeição:

Certos temperamentos mais sensitivos, que deveriam ser, se tivessem vindo a este mundo há alguns séculos atrás, fervorosos adeptos da igreja dos papas, hieráticos povoadores de mosteiros e de tebaidas, são hoje simples místicos estéticos; é, no meio da hipocrisia, do egoísmo e da indiferença geral da época, o advento de uma religião que substitui outra religião, dentro do círculo restrito de certos cultores do ideal. Ora, sendo assim, o que ocorre afirmar categoricamente é que a Europa dos nossos dias está sendo o meio mais impróprio para o culto da estética, puro e ingênuo. (Moraes 2006, 134)

O deslocamento no espaço, assim, é também um caminho a contracorrente do tempo. Um movimento *a rebours*. Mover-se para o “lá longe” é também mover-se para o “lá atrás”, é escapar não só à própria civilização, mas ao próprio tempo. E como a civilização ocidental – esse vetor para um futuro sentido como sempre pior do ponto de vista estético – também se espraia pelo espaço, a busca pelo exótico impõe não só o afastamento do centro da cultura do Ocidente, mas também das

TRIBUTE TO CAMILO PESSANHA – 150 YEARS

suas margens, sendo cada vez mais difícil encontrar espaços culturalmente preservados: “No entretanto, beleza e arte ainda existem, lá longe, muito longe, embora a invasão ocidental, religiosa outrora e hoje mercantil, dominadora e opressiva sempre, haja cuidado por todos os meios destruí-las, desnaturalizando e desnacionalizando os povos” (Moraes 2006, 135).

Moraes é, assim, o homem que busca no Oriente o que já não julga possível encontrar no Ocidente: basicamente, um cotidiano pautado pela delicadeza e pelo sentido belo, pela integração das atividades corriqueiras numa linha de continuidade do passado que as enriquece e dignifica.

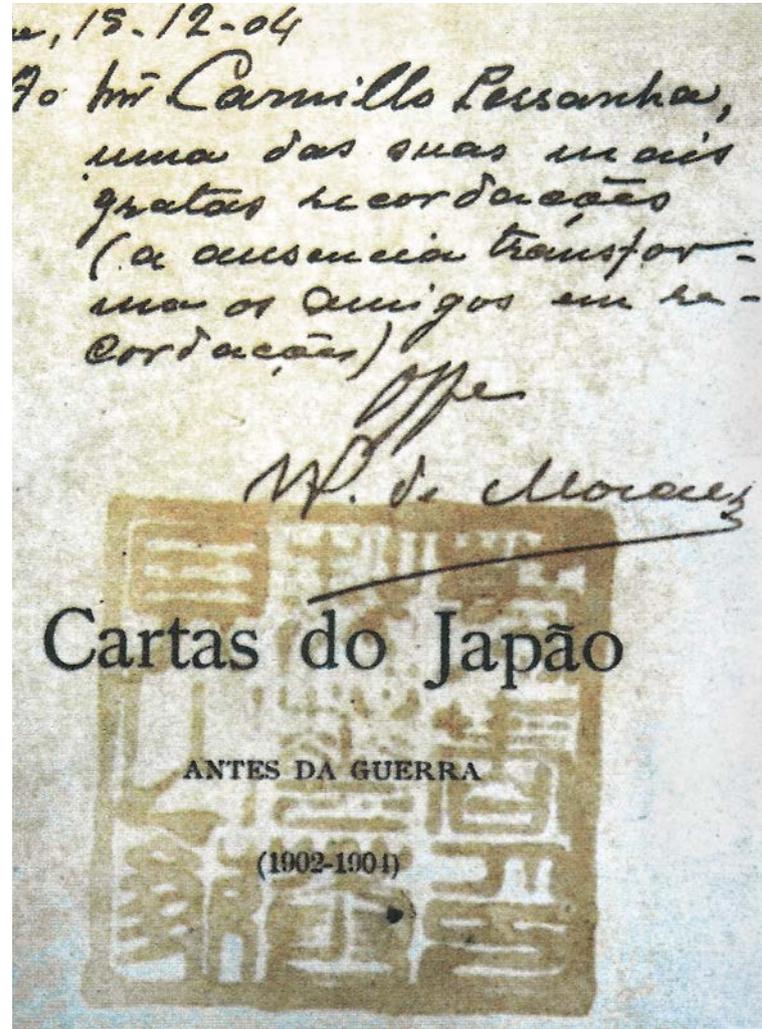
Por isso mesmo, seu deslocamento no espaço não é uma devoração gulosa de sensações. A esse tipo de exotista não é o novo que importa. Mas o estranho. Moraes não pertence à categoria do turista que busca o pitoresco para depois retornar à segurança do lugar de origem. É antes um esteta, que busca o estranho como um antídoto e uma crítica ao amortecimento das sensações, produzido pela modernidade.

O que dá o tom doloroso do exotismo de Moraes é a consciência de que o estranho – isto é, a experiência da diversidade – continuamente desaparece, sobrevivendo apenas – e sabe-se lá até quando – no mais distante, já que o Ocidente moderno, homogeneizador, invade aos poucos todos os recantos da terra.

O seu próprio percurso é exemplar dessa “fuga do Ocidente”: para a África, daí para a China costeira, para o Japão citadino e, finalmente – quando o Japão se ocidentaliza nas cidades administrativas ou portuárias – para uma aldeia esquecida no interior do país.

O afastamento exotista, ao mesmo tempo que permite encontrar longe o que falta ao lugar de origem, também é uma forma de produzir o passado da origem. De congelar no tempo algo que, na própria origem, se sente deteriorar. Daí que a viagem sem retorno apareça, na sua obra, como uma forma de deter o fluxo do tempo, preservando e depurando, na lembrança, os afetos da terra natal.

Por meio da recuperação afetiva da essência do que se abandonou voluntariamente, antes de sua maior degradação, reconstrói-se idealmente o bem perdido, a partir do bem conquistado. Por isso, tanto em relação à origem quanto ao destino, a atitude básica que organiza seu texto é a saudade. Uma saudade não se confunde jamais com a nostalgia, com o desejo ou esperança de retorno. Essa é forma íntima do seu exotismo, que a



Dedicatória de Wenceslau de Moraes a Camilo Pessanha (1904). In Daniel Pires, A imagem e o Verbo: Fotobiografia de Camilo Pessanha. Macau: Instituto Cultural do Governo da R.A.E. de Macau/Instituto Português do Oriente, 2005.

cada livro repete a evocação dolorida dos primeiros encantamentos com o Japão e, principalmente, dos seus amores defuntos na Terra do Sol Nascente. Na sua obra, a “religião do ideal” se transmuda em “religião da saudade”, que dá o pathos específico dos seus livros mais pungentes que são *O Bon-odori em Tolkushima* e *O-Yoné e Ko-Haru*.

O que Moraes busca no passado não é prenúncio do presente ou a sua causa, mas aquilo que não teve continuidade ou irremediavelmente se perdeu. Sua literatura se nutre e floresce com a plena consciência da perda e da impossibilidade de integração ou

TRIBUTO A CAMILO PESSANHA – 150 ANOS

reintegração.

É assim sobre a afirmação do diverso e a favor da coexistência inclusive do inconciliável que se funda o que, na sua obra, se poderia denominar a sua ética: a tolerância, a aceitação da diferença, a humildade. Não seria exagero, nesse caso, dizer que o exotismo de Moraes constitui um tipo de ascese – ao menos nos moldes budistas, sendo a sua vida japonesa em Tokushima pautada pelos ideais de despojamento, simplicidade e piedade pelos seres vivos.

Sem ser budista, nem shintoísta, o certo é que Moraes, tal como nos surge em *O-Yoné e Ko-Haru* e em *O Bon-Odori em Tokushima*, é um eremita, empenhado na prática das virtudes cardeais da arte do haikai, que ele tanto apreciou: *sabi, wabi e karumi*. Ou seja, algo como a combinação do deleite na experiência da solidão, na contemplação da impermanência e no exercício da pobreza com o comprazimento no mínimo necessário e na simplicidade da expressão desataviada.

2. O EXOTISMO SEGUNDO CAMILO PESSANHA

Para ele, o deslocamento no espaço não é ganho nem busca do ideal. Pelo contrário, é esvaziamento, perda de substância:

“E eu, que tinha saudades de quanto ia deixando, até de Barcelona, onde estive cinco dias, até de Colombo onde estive duas horas. Porque a gente é bem um grumo de sangue, que por toda a parte se vai desfazendo e vai ficando” (Pessanha 2012, 115).

É o sentimento decorrente dessa percepção de perda de substância que o poeta denomina genericamente de saudade. Mas a sua saudade tem uma coloração especial: menos do que uma perspectiva de recuperação emotiva de um bem perdido, trata-se de um sentimento que se define pela consciência da irreversibilidade da perda e pelas consequências dessa percepção, quais sejam o definhamento e o aumento progressivo da dor causada pela separação.

Sua estética se funda na busca de expressar, de fixar as sensações e emoções íntimas em que se desfaz o sujeito arrancado de seu ambiente. A própria memória, vista pelo prisma da metáfora do grumo de sangue, se reduz assim a uma espécie de consciência dolorosa da diminuição inevitável da energia vital.

Por isso Pessanha não vai encontrar, num

primeiro momento, nada senão o horror no lugar que chama de exílio. Macau lhe surge como ponto de encontro de todas as degenerações. “Uma montureira”, ele diz, e acrescenta: “material e moral”.

Mas não é apenas Macau que lhe parece antipática, mas a China inteira, objeto de um sentimento intenso de repulsa e aversão. A forma da sua relação com o estrangeiro é, assim, a de um cientista ou arqueólogo, dedicado à análise de um objeto monstruoso.

Chegado a Macau em 1894, 16 anos depois ainda escrevia sobre a China: **“uma civilização deformada, e em que são visíveis, ainda nos períodos de maior esplendor, os estigmas da mais recuada barbárie”**.

E num texto escrito entre 1910 e 1912 (publicado apenas nesse ano), o Reino do Meio lhe aparecia ainda como selva de doenças físicas e morais, que ele se compraz em descrever:

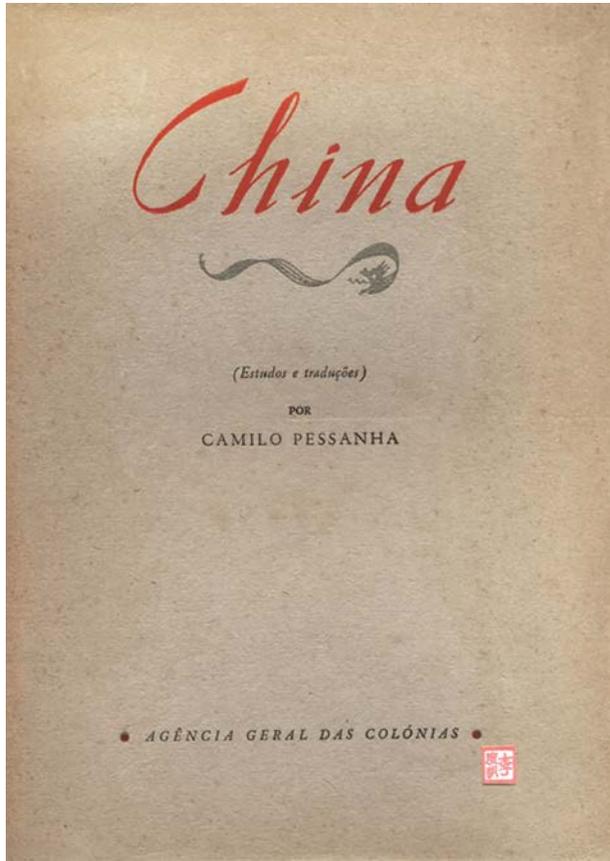
A disformidade, a monstruosidade, o raquitismo, o nanismo, o cretinismo... A tuberculose, a sífilis, o tebaísmo, a histeria, a epilepsia, a coreia, a lepra, a sarna... A prostituição, o deboche, a pederastia, o sadismo... A fraude, a chantagem, o furto, o roubo, o banditismo, a pirataria, o cativoiro... E de tudo isso todos os dias [...], montão de lixo constituído pelos mais asquerosos detritos, caudal de esgoto arrastando as mais irreconhecíveis escórias humanas. / Ignorância, boçalidade, superstição, deslealdade, covardia, avareza, sensualidade, crueldade, desfaçatez, cinismo, atonia moral... (Pires 1992, 124)

Logo a seguir, no mesmo texto, entretanto, esse circo de horrores dá lugar a um grande elogio da China, sua arte e seu código de justiça, sobre o qual escreve: **“Como interpretação, sob o ponto de vista jurídico, das ações humanas, é, pelo rigor de observação que demonstra e pelo alto espírito de justiça e de bondade que o inspira, um dos mais assombrosos monumentos de sabedoria legados pelos séculos”** (Pires 1992, 149).

A alteração não se explica como estratégia discursiva. A cisão do texto em duas partes contrapostas marca uma virada na forma de Pessanha perceber a China e se relacionar com ela. Virada que talvez também se explique pela revolução que sacudiu o velho país imperial, abrindo à China o caminho que hoje conhecemos.

Seja como for, tudo se passa nesse texto como se, vencida a aversão inicial do ocidental, as qualidades do

TRIBUTE TO CAMILO PESSANHA – 150 YEARS



caráter chinês deixassem compreender. E a principal delas é a aversão ao Ocidente e a recusa do seu poder homogeneizador:

Resistência sistemática, natural e invencível, à invasão da fancaria industrial cosmopolita, nenhuma inovação estrangeira importando sem a adaptar, transformando-a, à sua peculiar fisionomia étnica e à harmonia global da sua civilização, de maneira a conservar esta, nos mínimos pormenores das suas manifestações, um rigoroso cunho de originalidade, tão diferente desse exotismo, indigente e bastardo, de todos os outros países não cristãos, para uso de globe-trotters açodados e pouco exigentes na sua curiosidade, – resistência de antipatia inerte, mais eficaz do que a da “grande muralha”, que essa multidão compacta opõe por instinto a toda a influência do Ocidente. (Pires 1992, 151)

Nessa constatação, Pessanha fala como Moraes, mas nunca se referirá à China com aquela integração

amorosa imediata que Moraes terá com o Japão.

Pelo contrário, a metáfora da sua relação com a China é a experiência que narra a Carlos Amaro, numa carta de 1909, escrita logo após deixar Singapura:

Havia entre esses frutos um, principalmente, que eu tinha grande desejo de conhecer, – o durião. É celebrado pelo seu gosto delicioso e pelo seu cheiro abominável. Quem se habituou a ele, dizem que o fica amando como um vício, irresistivelmente. Efectivamente deve ser assim, tão complexo é o sabor, em que o paladar, por muito tempo que se tenha na boca, vai descobrindo sempre delícias novas. O cheiro, forte, quando se abre o fruto, surpreende com um cheiro característico, de sentina, mas também pouco a pouco se vai descobrindo que é um perfume, composto de muitos perfumes... (Miguel s/d, 137)

É pelo estudo da língua, da arte, do direito e da cultura tradicional chinesa que Pessanha converte a sua repugnância inicial em afeição.

A palavra parecerá exagerada, tanto quanto a afirmação de uma contínua atividade intelectual do poeta. Mas estou seguro de que sejam exatas.

De fato, até hoje pouco sabíamos de concreto sobre a dedicação de Pessanha ao estudo das coisas da China e nenhum documento pessoal do poeta, posterior a 1909, nos dizia algo sobre o que foi a segunda metade da sua vida chinesa.

Durante muito tempo, por conta das inimizades que criou em Macau, foi-se cristalizando a imagem corrente de Camilo Pessanha: um abúlico, viciado em ópio, incapaz de ação produtiva desde os primeiros tempos de sua chegada a Macau.

De nada valeram, contra essa imagem, a datação dos poemas lá escritos, nem a publicação de algumas das traduções que fez do chinês, em 1914, nem a recolha de textos esparsos por João de Castro Osório, no volume *China*.

Até há pouco tempo, só tínhamos, além da sua coleção de arte, que hoje finalmente está dada a público, testemunhos indiretos da dedicação de Pessanha aos estudos chineses. O mais impressionante é o de Carlos Amaro, que em 1926 afirmava ter visto uma quantidade enorme de traduções e estudos sobre a literatura e a cultura chinesas: **“mais de sete mil páginas [...] escritas em letra quase microscópica, da última vez que Camilo Pessanha esteve em Lisboa”** (Pires 1990, 75).

Hoje, entretanto, dispomos de documentos

TRIBUTO A CAMILO PESSANHA – 150 ANOS



novos: o restante das cartas do poeta a Carlos Amaro finalmente foi dado a público, em 2012, em edição de Daniel Pires.

O primeiro texto que vale a pena destacar é um trecho de carta datada de 8 de março de 1912.

Eis o que escreve a Carlos Amaro, pedindo a intercessão do amigo para evitar que fosse transferido para algum outro lugar, fora da China:

Em quase vinte anos de Macau, fui-me adaptando ao meio por um trabalho penível, embora em parte inconsciente, que me incapacitou para ser

qualquer coisa fora daqui! São quase vinte anos de estudo, mais ou menos assíduo, da língua chinesa, dos costumes chineses, da arte chinesa. A língua, principalmente desde que cheguei aqui a última vez, há três anos, tenho-a estudado brutalmente, – no furor de me absorver fosse no que fosse, para ver se conseguia distrair-me de tantas desgraças a que não posso dar remédio e que são a minha obsessão.

Abandonei esse estudo há quatro meses, mas temporariamente e por o serviço de juiz me não deixar tempo para ele. Por sinal que andava então empenhado em concluir a tradução em prosa, quase acabada, de um formosíssimo cancionero elegíaco da dinastia Ming, – única e minúscula obra que eu desejaria deixar impressa, ou, pelo menos, completa, como lembrança da minha gratidão, àqueles a quem mereceram piedoso interesse as imperfeições da minha alma e as angústias da minha vida.

Por outro lado, do pouco que ganho, o que me tem sobrado dos gastos diários indispensáveis, tenho-o empregado na aquisição de uma cangalhada, – cacos e bonecos chineses –, que, provavelmente nunca terei dinheiro para transportar para aí, apesar de ser meu máximo desejo que por minha morte ficasse guardada em algum dos museus nacionais. Sair daqui nesta ocasião seria renunciar para sempre à posse dessa pobríssima coleção que é quase a única consolação dos meus olhos e da minha alma. Nada vale pecuniariamente (quando muito uns dois contos de réis, aqui onde alguns advogados, levando vida lauta, têm feito fortuna em três anos) – mas custou-me, a ajuntar, enormes sacrifícios de toda a ordem e representa as minhas economias e o meu trabalho de quase toda a vida. Ora tudo isso, – escrita chinesa, poesia chinesa, arte chinesa –, de que poderiam servir-me fora daqui? E que outros objectos novos poderiam já agora ocupar-me o espírito, em outras terras, velho, doente e desalentado? (Pessanha, 2012: 181)

Na sequência, em 21 de setembro de 1912, volta ao assunto:

Como sabe, estou aqui há quase vinte anos, tendo durante esse tempo aplicado exclusivamente a este meio exótico o esforço da minha inteligência.

TRIBUTE TO CAMILO PESSANHA – 150 YEARS

Foi, como imagina, um trabalho violento e penível de adaptação [...] Claro está que à minha vida precisava de dar um objectivo – sob pena de morrer de tristeza. E qual outro poderia ser aqui senão estudar a língua chinesa, os costumes chineses, a arte chinesa? A solidão intelectual e moral nestes meios é absoluta. Para aqui só vem daí a ínfima escória... Tenho, pois, estudado com furor, até onde me permitem as minhas forças escassas.

Aprendi a falar a língua chinesa (falo correntemente o dialecto cantonense), e, um pouco, a ler e escrever. Tenho meia dúzia de traduções, que são atualmente o único escrito meu que desejaria ver publicado. É claro que tudo isto, que é nada mas me tem custado a vida, me seria fora daqui absolutamente inútil: prende-me, pois, naturalmente a este remoto exílio.” (Pessanha, 2012: 186-7)

Pessanha, como Moraes, sentia o Oriente como exílio e como “suicídio moral” (a expressão é deste último). Mas não procede a lenda de que levou ali uma vida vegetativa. Pelo contrário, dedicou-se ao aprendizado da língua, da cultura e da civilização antiga com a qual se defrontou.³

E é lícito imaginar que, não estivessem perdidos os documentos que deixou em seu gabinete de trabalho, o poeta, no que diz respeito à divulgação da cultura clássica chinesa, seria hoje um equivalente do que Wenceslau de Moraes foi para o Japão.

Ambos se aprofundaram na contemplação e no estudo do exótico, mas o caminho que percorrem é muito diverso.

A obra japonesa de Moraes é uma história de embevecimento. Ele jamais cogita voltar a Portugal. E não volta. Portugal, como o próprio Japão de O-Yoné e Ko-Haru – e como elas mesmas, afinal –, termina por ser uma idealização retrospectiva, uma construção espiritual sobre a dor do deslocamento e da falta. Um objeto irreduzível, inapreensível.

Já a história de Pessanha, no que diz respeito ao exotismo, é uma história de conversão, na qual se passa do horror à admiração e ao apreço.

Durante o predomínio do primeiro polo, Pessanha anseia todo o tempo por voltar a Portugal. Descreve mesmo a capacidade poética e a sua energia pessoal como dependentes do contato com a terra natal.

Mas ao longo do tempo, ao contrário de Moraes,

não só a saudade da pátria esmorece, mas toma conta dele uma idealização negativa do lugar de origem.

É o que se pode constatar num trecho de uma carta, datada de 8 de novembro de 1916 (isto é, redigida em Macau logo após o retorno da que seria sua última viagem a Portugal), endereçada a Henrique Trindade Coelho, na qual o poeta lembra “a agitação estéril desse meio lisboeta”, em cujo “tumulto, agressivo e vão” teria andado “amachucado e sovado durante cinco angustiosos meses”. (Pessanha, 2012: 206)

Sentimento ainda mais claramente expresso neste trecho de carta a Carlos Amaro, datada de 10 de julho do mesmo ano:

Ao menos aqui, restituído aos meus hábitos de solidão espiritual, nada me vem roçar pela alma ulcerada, a exacerbar-lhe as dores. O ambiente é-me benigno, porque me é familiar: acha-se impregnado de mim próprio, como eu dele. Foi um longo e penoso trabalho de adaptação, mas que se completou: agora todas as perturbações desse equilíbrio estabelecido redundam em sofrimento. Posso contar entre os mais horríveis da minha vida esses cinco meses de angustiada agitação em que aí escabujei. (Pessanha, 2012: 193)

Como se vê, o sinal agora está invertido: a estada em Portugal não conforta, apenas renova a sensação do desajuste. Ou seja, o movimento de idealização saudosa da origem não se mantém em Pessanha como se manteve em Moraes. Para o poeta, Portugal termina por ser apenas um lugar de dor e de angústia, a ponto de ele interromper bruscamente sua última licença, em 1916, ansioso de voltar à China. Não por falta de ópio, como quer a lenda, mas para assim poder economizar e levar para Macau um excedente de dez contos de reis (Pessanha, 2012: 207) e principalmente por – paradoxalmente – sentir-se agora mais integrado ao solo do exílio do que ao da pátria.

Daí a angústia com que se expressará em 1924, na conferência sobre Camões. Nela, no final da vida, não apenas celebra a memória do poeta desaparecido quinhentos anos antes, mas também faz a confissão da sua incapacidade de manter acesa, no exílio, a lembrança da pátria ideal ou de a recuperar, por meio da memória e da saudade.

O contato com a pátria real, decadente e hostil – em 1915-16 – vai constituir a experiência mais deceptiva experimentada pelo poeta, que ainda planeja redimir-se, em nova viagem afinal nunca realizada

TRIBUTO A CAMILO PESSANHA – 150 ANOS

(Pessanha, 2012:213).

Redimensionada por ela, a sua vida de solidão espiritual no exílio – que o levou a dedicar-se ao estudo do chinês, à organização da coleção de arte e à tradução – lhe aparece como algo próximo da felicidade.

Daí que, por vias diversas e com dinâmica diferente, termine Camilo Pessanha por isolar-se em Macau como Moraes se exilara em Tokushima.

Mas enquanto este entretém com o Ocidente uma prosa solta, na qual dá conta da experiência amorosa com o diferente, Pessanha silencia – ou fala apenas através dos textos que estuda e traduz e que se perderam – e se afasta de tudo o que é Europa. A ponto de não se ocupar nem mesmo da *Clepsidra*, que será editada quatro anos depois e dele não merecerá senão uma lembrança atrasada, distante e formal. **RC**

NOTAS

- 1 Veja-se, a propósito: Paulo Franchetti. *Camilo Pessanha*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 2008.
- 2 Uma história de descaso e abjeção: assim se poderia denominar o tratamento que o Estado português deu à riquíssima coleção doada a seu país por um dos seus maiores poetas. A não ser o preconceito contra o “achinesado”, nada pode explicar tal escândalo continuado. Atualmente, uma parte da coleção Camilo Pessanha encontra-se finalmente exposta no Museu do Oriente, em Lisboa, mas de forma caótica, sem que se tenha minimamente buscado preservar a unidade do conjunto.
- 3 Pessanha tomou mesmo atitudes curiosas, que em nada combinam com o perfil abúlico que a fantasia biográfica lhe foi desenhando, como, por exemplo, o entusiasmo com que participou, em 1911, da fundação de uma Associação de Tiro, dedicada à defesa do território macaense. (Devo também esta informação ao investigador Daniel Pires, que recentemente descobriu esse fato curioso.)

BIBLIOGRAFIA

- Miguel, António Dias. S/d. *Camilo Pessanha – elementos para o estudo da sua vida e da sua obra*. Lisboa: Edição de Álvaro Pinto.
- Moraes, Wenceslau de. S/d. *O “Bon-odori” em Tokushima*. Porto: Companhia Portuguesa Editora L^{da}, 2^a edição.
- Moraes, Wenceslau de. 2006. *Ó-Yoné e Ko-Haru*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda/Instituto Camões.
- Pessanha, Camilo. 2012. *Correspondência, dedicatórias e outros textos*. (Organização, prefácio, cronologia e notas por Daniel Pires). Lisboa: Biblioteca Nacional de Portugal; Campinas: Editora da Unicamp.
- Pires, Daniel. 1992. *Camilo Pessanha prosador e tradutor*. Macau: Instituto Português do Oriente/Instituto Cultural de Macau.
- Pires, Daniel. 1990. *Homenagem a Camilo Pessanha*. Macau: Instituto Português do Oriente/Instituto Cultural de Macau.